

A (re)abertura do Curso de Germânicas no Porto. Memórias de uma estudante

Teresa Martins de Oliveira

Quando há 20 anos, num contexto não muito diferente deste, me foi dado partilhar as memórias que guardo do meu tempo de estudante dos primeiros anos do curso de Filologia Germânica na Universidade do Porto, dei destaque às condições adversas que revestiram principalmente o período inicial. Por outro lado, lembro-me que sublinhei o facto de, ainda que em tempos de ditadura, a criação do curso de Germânicas no Porto ter sido, afinal, não apenas o resultado da pressão das autoridades académicas, mas também da «vontade popular», expressa num abaixo-assinado de cerca de 800 alunos do Porto e Norte do país, candidatos à frequência desse curso, que pedia a sua criação na FLUP (*vd.*, p.ex., Debates Assembleia Nacional, debates. parlamento.pt., p. 3091 de 27 de Janeiro 1972).

Hoje, com o distanciamento que a situação de aposentada me dá, recordo a dedicação dos professores e as condições difíceis em que lecionaram e como para os estudantes foram anos de verdadeiro amadurecimento científico e humano.

Começamos por notar que, numa época em que, sem *numerus clausus*, os alunos escolhiam livremente o curso que queriam frequentar, e sendo Germânicas um curso da moda (para meninas, entenda-se), em parte porque havia emprego garantido para professoras/es de inglês e alemão, inscreveram-se no 1.º ano do novo curso 516 alunos (44 do sexo masculino e 472 do sexo feminino) (<https://ler.letras.up.pt>). Posso imaginar que não se estivesse à espera de uma tal avalanche!

As condições de instalação eram mais do que precárias: fora-nos atribuído um anfiteatro recôndito no edifício das Biomédicas, em frente ao Hospital de St. António, mais tarde obtivemos ainda uma sala no primeiro piso. Muitos se lembrarão do frio e do cheiro – a comida (da cantina), a cavalos (do picadeiro da GNR e das experiências feitas pelos nossos «vizinhos» do departamento de Química). Não era apenas o espaço físico que nos

fora atribuído que era exíguo e desconfortável, insuficiente era também o número de docentes. Para a área de alemão, apenas a Professora Maria Manuela Campos, única doutorada do grupo, e o Dr. António Franco, que viria a tornar-se um importante pilar do ensino do alemão na FLUP. Tínhamos ainda como professora de Introdução à Linguística a muito jovem Dr.^a Fernanda Irene Fonseca.

Nesse ano inicial, o Dr. Franco foi confrontado com três turmas de alemão, cada uma com ... cerca de 170 alunos, o que constituiu certamente um enorme desafio às suas capacidades pedagógicas. Todavia, estou certa de que terá logrado ensinar muito a muita gente. No que toca à Literatura Alemã, com os estudantes divididos em duas turmas, apinhados nos bancos corridos do anfiteatro e sentados pelas escadas e pelo chão, as aulas não podiam ter senão uma orientação magistral (que invadia também as assim chamadas aulas práticas). Nós, os estudantes, escrevíamos tudo quanto a Professora dizia, furiosamente, como os alunos do desencantado Fausto “als diktire der Heilige Geist” [como se ditasse o Espírito Santo]. Mas estes apontamentos eram tanto mais importantes, quanto na biblioteca quase não havia livros relativos à literatura alemã. Olhando para trás, penso que esta seria talvez a mais grave lacuna daqueles anos iniciais do curso. Apesar disso, creio que ao fim do 1.º ano de Literatura Alemã os estudantes terão ficado com uma perspetiva razoável daquela literatura, desde os «Merseburger Zaubersprüche» até ao Romantismo. Já se a literatura alemã assim servida se afiguraria muito apelativa e instrutiva é uma outra questão que não nos irá ocupar.

Quanto aos estudantes, eles eram naturalmente um grupo muitíssimo heterogéneo, no que diz respeito à origem (geográfica e não só), à idade (embora a grande maioria fosse, naturalmente, muito jovem) e a conhecimentos (de um lado aqueles que tinham frequentado dois anos de alemão no ensino liceal e que seriam a maioria; no ponto oposto da escala o Udo Kötzle, de quem alguns ainda se lembrarão, e que a Faculdade teve a inteligência de integrar pouco depois no grupo dos docentes, inicialmente com o estatuto de monitor). Havia ainda estudantes que hoje entrariam na categoria de «com necessidades educativas especiais», que, mesmo sem esse estatuto, eram apoiados e integrados indiscriminadamente por todos. Recordo os dois irmãos tetraplégicos que na Rua das Taipas eram içados nas suas cadeiras às vezes até ao 4.º andar pelos pais, ajudados por estudantes, funcionários e até professores.

De uma forma geral, e pensando agora em todo este grupo tão diversificado, e comparando-o com a minha experiência como docente, parece-me justo afirmar que havia

muita gente muito bem preparada, nomeadamente no que toca a língua alemã, e isto mesmo entre aqueles que vinham dos liceus portugueses com apenas dois anos de alemão. A passagem para a Rua das Taipas, no final deste primeiro ano letivo, foi sentida como uma grande melhoria: tínhamos um edifício todo por nossa conta, restaurado de novo, ainda a cheirar a tinta. Claro que havia sempre quem se queixasse (a Rua das Taipas ficava numa zona degradada, a calçada era íngreme e escorregadia nos dias de chuva, as meninas ouviam piropos mais ou menos indecorosos, até dos presos que se penduravam nas grades da Cadeia das Relação para nos ver passar; o edifício era todo construído em altura, o que nos deixava sem fôlego antes de chegar às aulas, não havia bar nem salas de convívio). Confesso que, pessoalmente, achava que o Piolho supria bem tal falta e que subir os degraus era uma forma de ginástica matinal. De qualquer forma, sempre tive um inconfessado medo do edifício das Taipas, porque todo ele abanava, quando os entretanto já cerca de 800 estudantes trotavam pelos corredores. Há pouco li num depoimento do nosso Colega Araújo Lima que o Dr. Armando de Moraes, o Franco e ele próprio tinham o mesmo receio e que teriam chegado a saltar no meio das salas, testando a segurança da velha construção. Nesse ano, chegaram também novos professores. Para a área de alemão, e para as cadeiras teóricas, a Dr.^a Roza Huylebrouck e o Dr. José Manuel Coutinho.

A relativa normalização que se ia instalando nas Germânicas é interrompida com o 25 de abril, que no meio estudantil se vinha anunciando já num clima de contestação, e pelas rusgas da polícia, que terminavam invariavelmente em cargas violentas sobre os estudantes. Nesse dia, a Professora Manuela Campos ainda deu a aula das 8.30 h e foi apenas às 10.15 h que muitos estudantes se aperceberam da revolução em curso. A partir daí, não houve mais aulas: num ambiente de generalizada confusão e de euforia, interrompida por momentos de confronto ideológico, sucediam-se as RGAs, em que se tratavam questões da academia e de fora dela.

Entre as primeiras, era dado destaque à necessidade de determinar como os estudantes deveriam ser avaliados, uma vez que exames e distinção de classificações eram consideradas pelos mais radicais como resquícios fascistas e fascizantes. Outro dos temas que ocupavam as reuniões era a necessidade de reformular os currícula e os conteúdos das cadeiras, questão em que todos os estudantes pareciam estar de acordo. Menos consensual era a forma como tal reformulação devia ser levada a cabo. Lembro-me do ar indignado com que foi recebido o meu comentário, de que na qualidade de aluna do 2.º ano não me sentia habilitada a reformular o programa de literatura alemã. Creio que isto

foi realmente um comentário desadequado da minha parte, num ambiente onde ser realista era pedir o impossível e onde se acreditava poder encontrar areia da praia debaixo dos paralelos sujos da Rua das Taipas! Por fim, e no que toca aos programas, tudo acalmou e estes acabaram por aparecer na sua nova versão pela mão dos novos professores que a partir do ano seguinte começaram a chegar e trouxeram lufadas de ar fresco à Faculdade, e as mudanças foram acontecendo gradualmente.

No que respeita ao alemão, a solução foi mais drástica. Como para desconsolo de alguns o alemão não se compadecia com ventos de mudança e continuava a ter demasiadas regras e declinações, e isso não parecia fácil de alterar, no ano de 1976 foi mudado o currículo, introduzindo-se a possibilidade de concluir a licenciatura nas variantes de Anglística e/ou de Germanística. A primeira variante foi rapidamente abraçada por muitos dos que se continuavam a debater com as dificuldades do alemão. Tenho vagamente na ideia de que esta divisão veio a causar problemas a longo prazo, quando estes estudantes procuraram ingressar como docentes no ensino público, que apenas previa a variante comum de alemão e inglês.

A curto prazo, esta divisão teve para os alunos que permaneceram no currículo antigo a grande vantagem de diminuir as turmas da componente de alemão. Antes ainda dessa divisão, lembro-me bem das aulas concorridíssimas da Dr.^a Maria Marques, com os alunos sentados em cadeiras pelo corredor fora e até nos degraus das escadas, afluência a que não eram por certo alheios o seu entusiasmo contagiante e a sua afabilidade. No ano seguinte, a literatura alemã foi enriquecida com a chegada do Dr. Gonçalo Vilas-Boas que, com uma perspetiva mais contida e sóbria, enchia o quadro de esquemas, para que olhávamos com um misto de desconfiança e fascínio.

Épocas, temas e autores haviam mudado. Estudava-se especialmente literatura pós-45 e autores «de esquerda». Ao lado dos canónicos Böll e Brecht, ouvíamos pela primeira vez falar de «Arbeiterliteratur» [literatura de trabalhadores] e do «Bitterfelder Weg». Os livros de sumários desta época, que se encontram online e acessíveis a quem os quiser consultar, são uma interessante fonte de informação e revelam agora, 50 anos depois, não só o empenhamento dos docentes, como a atualização do muito que ensinavam. Chegaram também novos professores de língua, entre eles o primeiro leitor do DAAD, mas as turmas, cujo número de alunos diminuía por certo em relação ao inicial, eram ainda, comparadas com as condições de hoje, demasiadamente grandes.

Antes de terminar, quero lembrar outra das vantagens que o 25 de abril trouxe ao Curso de Filologia Germânica e que foi a visita frequente de professores de universidades alemãs. Numa época em que não havia a mobilidade docente nem discente que o Programa Erasmus viria a generalizar, os estudantes de Germanística foram grandes beneficiários da assim chamada «Reisegermanistik» [germanística em viagem], que nos anos 70 acometeu principalmente os professores mais jovens de muitas universidades alemãs e que se casava, no que nos diz respeito, com as também populares «Reisen in die Revolution» [viagens à revolução]. Lembro-me bem do primeiro desses seminários que frequentei, orientado pelo Prof. Jochen Vogt, da Universidade de Essen, que, trazido pelo Gonçalo, se tornou visita assídua da Faculdade e amigo de muitos de nós.

Em 1977/78 concluíram a licenciatura os estudantes do 1.º curso de Filologia Germânica e no final, as Germânicas mudaram-se para o Edifício do Campo Alegre. Não sei quantos dos que haviam iniciado em 1972/3 chegaram nesse ano ao fim.